

## A criança objetalizada

*Cristina Drummond*

Psicanalista, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

### A posição de objeto da criança

Para ler as evidências, em nosso mundo contemporâneo, de que os sujeitos estão cada vez menos organizados pelo Édipo e pelo fálico, tomamos os textos de Lacan dos anos 70 que nos ajudam a pensar na criança objetalizada, para além da formulação dos anos anteriores, na qual vemos a criança articulada à castração e ao falo imaginário da mãe. Entre eles, interessam-nos as duas posições da criança que Lacan aponta em sua **Nota sobre a criança**: como sintoma do par parental e como realização do objeto no fantasma da mãe. Colocar a relação da criança objetalizada como realizando o fantasma da mãe seria, no entanto, suficiente para pensarmos a criança objetalizada em nosso mundo contemporâneo?

Houve uma jornada do Cereda, a 24<sup>a</sup>, em 2001, que se chamou **As mil e uma ficções da criança**. Já percebemos, nesse título, uma preocupação em focar o trabalho da criança para se virar com o que ela recebe do campo do Outro. Éric Laurent, em sua conferência de encerramento dessas jornadas, apresenta o problema que a criança tem que enfrentar em nosso mundo (LAURENT, 2001, p.95-100). Ele diz que a criança é uma ficção para os pais. Por isso, ela é ideal e dá lugar a todos os sintomas que surgem do “desejo de filho”, que muitas vezes é um imperativo superegóico. A criança, continua Laurent, é um objeto pulsional e, por isso, não escapa à pulsão de morte que incide sobre ela. Além disso, ela tem que suportar a carga que incide sobre os objetos de consumo de luxo e as conseqüências do fato de que, em nosso mundo, se busca uma criança como mercadoria exigida, com todos os recursos de que a ciência oferece à biologia. Esse objeto também se encontra aparelhado pelo Outro de nossa época, por meio das políticas de natalidade organizadas, dos reajustes da ficção da criança enquanto objeto dos direitos humanos e reajustes da ficção da criança enquanto produto do casamento. O que se retém da criança, diz ainda Laurent, é menos a poesia do que o saber. Enquanto objeto, ela não é escutada, muito menos tomada como um ser falante.

A criança se tornou um objeto do saber: como educá-la? Como educar as inúmeras crianças hiperativas e portadoras de déficit de atenção, cujo corpo se recusa a ser mortificado pelo saber?

### **A criança e sua família contemporânea**

Em novembro de 2005, Miller propõe, como título das próximas Jornadas da ECF, **O laço familiar na experiência psicanalítica**. Sua proposta de trabalho, para tratar da questão do *sinthoma*, é retomar o texto: **Nota sobre a criança**. Em sua intervenção, ele diz que o termo sujeito, em Lacan, sempre está articulado ao significante, e que ele só encontra o gozo sob a forma do pequeno *a* no fantasma, e é isso que dá ao fantasma uma função de exceção no primeiro ensino de Lacan (MILLER, 2006, p.3-7). Quando ele introduz o conceito de *falasser*, o que está em questão é que o *falasser*, diferentemente do sujeito, tem um corpo, condição para que ele goze.

É levando isso em consideração que Miller propõe retomar a questão da família em nosso mundo. Ele diz que é divertido constatar que a família conjugal permanece dominante em nosso mundo, apesar de a sociologia diagnosticar sua crise, sua desaparecimento ou seu possível rearranjo. Lacan já dizia, nesse texto de 69, que a família conjugal tem uma função de resíduo na evolução das sociedades, e é porque ela está no estado de resíduo, de objeto *a*, que a família vai-se manter. Lacan atribui a resistência da família ao irredutível de uma transmissão que é uma transmissão não da ordem do saber ou das necessidades, mas uma transmissão de um desejo não anônimo e que é constituinte para o sujeito. Essa transmissão estaria no registro lógico da necessidade. A função da família é de velar o gozo, refreá-lo. A mãe, ao portar um interesse particularizado pela criança, faz fracassar a mãe do puro cuidado, e o pai, diz Lacan, é o vetor da lei no desejo do Outro.

Miller lembra que, na **Nota sobre a criança**, Lacan fala do sintoma somático da criança, e os recursos que ele oferece testemunham, em muitas famílias contemporâneas, a culpabilidade, o servir de fetiche ou encarnar uma recusa primordial. Parece, diz ele, que essas três versões refletem a neurose, a perversão e a psicose.

Contudo, quando Miller propõe tomar o sintoma somático como ponto de partida para ler a clínica da criança na família na contemporaneidade, isso pareceu trazer um novo aspecto da questão que examinamos. O ponto de partida dessa clínica é o fenômeno no corpo, ponto que o seminário **O Sinthoma** coloca em primeiro plano. Não se trata tanto de abordar a relação da criança com a mãe ou com o casal parental

organizado em torno da falta e do desejo, mas da relação da criança com seu corpo. Essa orientação também pode ser encontrada em Laurent, quando diz que, na *Nota sobre a criança*, no momento em que Lacan fala que a criança realiza a presença do objeto *a* no fantasma, ele coloca o acento na criança sendo tomada não enquanto um Ideal, mas no gozo seu e de seus pais. Com sua presença, a criança satura a falta da mãe e há realização, precisa Laurent, não do objeto que responde à angústia de castração, ao simbólico e sua possibilidade de representação, mas do objeto que responde à angústia ligada à privação, objeto, como enfatiza Lacan na *Nota*, que aparece no real. O objeto que é a criança revela, dessa maneira, sua estrutura que é a de designar o ser do sujeito no ponto em que ele é ausência de representação.

A criança, diz ainda Laurent, é o objeto *a* e é a partir disso que a família se estrutura, e não mais em torno das estruturas edípicas da metáfora paterna (LAURENT, 2006, p.94). Ela é “o objeto *a* liberado”, propõe Laurent, retomando a expressão de Lacan, no **Seminário XVI, De um Outro ao outro** (LACAN, 2006, p.293). Lacan brinca com o neologismo *hommelle* para o perverso e, em contraposição, propõe *famil* para o neurótico, duas maneiras de responder à falta estrutural no Outro. A primeira é a de acrescentar o gozo que falta, produzindo um Outro completo, a resposta perversa que Lacan nomeia de *homem-ela*. Por outro lado, a via do neurótico que ele nomeia *famil*, que é a de querer se completar com a família, de se inscrever como Um no Outro.

A criança, portanto, não é indiferente às pessoas que encarnam para ela as funções de pai e de mãe, e a família é um recurso de que o sujeito dispõe para interpretar seu sintoma. Serge Cottet observou, na jornada do Cereda dedicada à questão da família, que os casos das crianças em tratamento pela psicanálise mostravam que existe para elas uma tensão entre os pais de substituição, sogros, avós, companheiros, amantes, por um lado, e a ficção de um pai cujo gozo faz questão, por outro lado (COTTET, 2007, p.39-44). As crianças apresentam novos sintomas que não deixam de ter a ver com as novas configurações familiares, que não estão associados à neurose do pai, que falam da confusão das identidades sexuais, da indiferença dos papéis, da opacidade do gozo dos pais. Ele diz ainda que as crianças adotadas e ainda mais as crianças filhas de um doador anônimo, nos casos de esterilidade do pai, estão longe de ser indiferentes à imagem suposta do doador. Elas ilustram, às vezes, a tendência suicida das crianças não desejadas.

## A criança e seu sintoma

Nesses sintomas, faz-se presente a dificuldade da criança em nosso mundo para se separar do lugar de resto de um discurso do mestre ou de um gozo que a produziu. Encontramos a criança fazendo Um com o gozo, o Outro e o saber, relações que Lacan aponta como aquelas que verdadeiramente importam na constituição de um sujeito (LACAN, 2006, p.332). Ele diz também que o que interessa é como o pai e a mãe ofereceram à criança o saber, o gozo e o objeto *a*. Na **Alocução sobre as psicoses da criança**, Lacan diz que o importante é que “a criança sirva ou não de objeto transicional para a mãe” (LACAN, 2003, p.366).

Tomar o corpo da criança como campo do sintoma é suspender o mito da relação mãe-criança e, indica Lacan, ainda na **Alocução**, “opor a que seja o corpo da criança que corresponda ao objeto *a*”. Essa parece ser a indicação do trabalho do analista diante da questão de como desalojar a criança desse lugar de objeto incluído no Outro e do qual ela condensa o gozo e fazer surgir de maneira mínima um sujeito.

O discurso da psicanálise busca fazer emergir o desejo que produziu uma criança. Interrogar o desejo do Outro põe em questão a angústia que denuncia um real em jogo no nascimento da criança, isto é, o desejo ou o gozo da qual ela é o produto. Tomar, como indica Miller, os sintomas somáticos como orientadores de nosso trabalho é tomar o sintoma como o efeito da incidência da palavra sobre o ser vivo. A criança recebe e sofre a língua da família que ela tem. O que buscamos é tomar os ditos e os não-ditos que determinaram o sujeito, os momentos em que ele teve um encontro com o real do gozo hetero e o que ele foi como objeto de desejo para o outro. O modo como os pais desejaram uma criança passa pela aprendizagem que essa faz da língua, e o sintoma pode revelar como, para cada um, se amarraram língua e corpo.

Para ilustrar essa operação, Pierre Malengreau (MALENGREAU, 2006, p.30) recupera uma passagem do **Seminário XXIV** (LACAN, 1977), na qual Lacan conta uma história de seu neto, Luc, que dizia que “as palavras que ele não compreendia, sendo *infans*, ele se esforçava para dizê-las, e foi isso que encheu sua cabeça”. Malengreau diz que essa é uma maneira pertinente de definir o inconsciente e evidencia que a linguagem é um parasita. A alíngua recolhe e inclui a parte elaborável de gozo dos pais e Lacan acrescenta que por isso podemos considerar que a estrutura elementar da linguagem se resume àquela do parentesco.

O exemplo de Luc mostra como a criança se inscreve na estrutura de sua família, inventando aí sua própria maneira de fazer. Em primeiro lugar, temos as palavras que o menino não compreende. Em segundo lugar, a criança repete essas palavras nas quais ela está imersa. Em terceiro lugar, essas palavras têm um efeito real sobre seu corpo. Tudo isso constitui uma pequena teoria e um pequeno sintoma que lhe permitem tratar a alíngua da qual ele sofre. O que importa é que não se trata apenas das palavras ditas ou não ditas, trata-se também daquilo que toca o corpo.

Marcos, um menino de quatro anos conta algo semelhante: sonha que uma aranha o assusta e, quando acorda e pensa nisso, seu corpo até esquenta. Traz à sessão um gafanhoto de plástico, mas o que importa para ele é um outro da classe dos insetos: o zangão, que ele não sabe muito bem o que faz com a enorme abelha rainha.

Mais adiante, ele diz que o zangão não lhe interessa mais porque ele descobriu que ele não tem ferrão. É melhor ser marimbondo. Ele faz uma série de nomes de insetos na qual ele pode inserir a divisão dos sexos, a reprodução, as rivalidades, o que vai aos poucos cernindo aquilo que esquenta o corpo.

### Referências bibliográficas:

COTTET, S. «Le roman familial des parents», La Cause Freudienne, COTTET, S. , "Le roman familial des parents, in : **La Cause Freudienne**, Paris, n. 65, : Navarin Ed., março de 2007, p. 39-44.

LACAN, J. «**A locução sobre as psicoses da criança**», In: Outros escritos, Rio de Janeiro: JZE, 2003.

LACAN, J. **O Seminário**. Livro16: D'un Autre à l'autre. Paris: Seuil, 2006.

LAURENT, É. «**Les nouvelles inscriptions de la souffrance de l'enfant**», La Petite Girafe, Nantes: Editions Agalma, n.24, out. 2006, p.94.

---

**A n o 01 - nº 01 - julho a dezembro de 2007.**

LAURENT, É. "**Responder al niño de mañana**", Carretel, Revista de la Diagonal Hispanohablante Nueva Red Cereda, n. 4, 2001, p.95-100.

MALENGREAU, P. «**La verité du couple parental**», Quarto, Bruxelas: editora, n.88-89, dez. 2006, p.30.

MILLER, J.-A. «**Vers les prochaines Journées de l'École**», Lettre Mensuelle, Paris, n.247, abr. 2006, p.3-7.